

Não existem bons começos.

Era nisso que ele pensava, sentado de frente à máquina – a maldita da máquina. É claro que, se perguntado, não saberia explicar o porquê de, em pleno século XXI, ainda usar um trambolho daqueles. Talvez tivesse algo a ver com a infância, o som confortável dos dedos do pai trabalhando nas teclas; Isso lá nos tempos do guaraná com rolha, das calças boca de sino, das missas em latim – uma expressão aqui meramente ilustrativa, claro; em toda a vida, assistira a uma única missa em latim, sabe-se lá porquê, e passara a maior parte do tempo tentando *comungar* com a coleguinha do lado.

Ou talvez tivesse algo a ver com *O Incidente*, o fatídico e dramático acidente com a máquina do velho. Quinze quilos de pura literatura direto no tutano – é pra tornar qualquer mané um Ernest Hemingway, não? E, desde então, ele estava tentando se vingar da maldita, martelando por horas as teclas barulhentas – teclando e amassando, escrevendo e jogando fora. Mas a vingança, afinal, é um prato que se come frio – seja lá o que isso quer dizer.

O mais provável dos motivos, ainda assim, era a pura intransigência, salgada com uma pitada de preguiça. Sempre tivera dificuldades em mudar as coisas e a mera ideia de instalar um computador na desordem *apocalíptica* do quarto já lhe causava bocejos. E, apesar de tudo, lá estava ele: Vinte minutos de frente à máquina – maldita seja! – e nada lhe passava pela cabeça além de conjecturas inúteis de um passado ainda mais irrelevante.

Paciência...

Ele suspirou. Um suspiro de desistência – quem sabe de aceitação. Poderiam não existir bons começos – e Deus era prova de que ele tentara –, mas, pelo menos, existiam bons finais; Bastava chegar até eles.

COMEÇOS

por Igor Dmirkutska

Uma breve criação de personagem inspirada pelo trabalho do mestre King.